

THE UNIVERSITY  
OF ILLINOIS  
LIBRARY

869.9

R 35d

21 11  
12 14 15





DILUCULOS



José do Amaral

11

11347  
232  
210/2

DILUVILOS

BIBLIOTECA AMERICANA

SCHUBERT

VERSOS

PERNAMBUCO

Typ. Tondella, Cockles & C.<sup>ia</sup>

1899



869.9  
R 352



## CARTA AO AUTOR

*Dilecto Amigo*



*a dezoito annos, pouco mais ou menos, que travámos relações de amizade, e tão fortes e cheias de abnegação que dir-se-iam alimentadas pelo fogo sagrado do devotamento, — o unico que sobre a terra tem a efficacia do prodigio. Ainda me lembro, e perfeitamente bem, do nosso primeiro encontro, que em vez do indifferentismo,—tão usual nas scenas da vida, pelo contrario, seduzio-me a attenção e desde logo arrastou-me para ti, que chegavas desconhecido e pobre, sem o sorriso de um amigo.*

*Comtudo, trazias no fundo do teu peito um bando alacre de festivas esperanças que psalmodavam alegremente o hymno do futuro e conviviam na mais intima fraternidade*

345130

Renanço, Span American Graduate Equipment Itz - Genald 6 Apr 16 Harvard 37 2122 6 PINDIA 67



*com os arrojados sonhos de tua imaginação de moço.*

*Sobrava-te a intelligencia, embora nesta quadra dos prazeres, em que almejavas unicamente o goso, não houvesse procurado a seiva da instrução que aviventa o espirito, e ignorasses que possuas contigo esse dom intuitivo de celebrar as festas da Natureza, lançando docemente as cordas do alaúde de tu alma, que só mais tarde despertaram, quando o soffrimento te enviou seu osculo.*

*Vivias afastado do comicio das lettras, porque a luta que sustentavas, isto é, A LUTA PELA EXISTENCIA, não permittia que abandonasses a profissão mercantil, a que foste votado desde a mais tenra idade... e assim proseguirias por indeterminado tempo, se uma fatalidade não cortasse o fio de tuas aspirações. Desgraçadamente viste um mundo de illusões*

apagar-se aos risos da mocidade, ficando unicamente contigo a consciencia da vida, por que a lampada da intelligencia não empallideceu aos sopros da desventura.

Tudo esvaio-se n'aquelle momento tragico, em que desmaiavas como n'um sonho e acordavas como um moribundo, para d'ahi em diante viveres de agonias como um condemnado preso ao leito de Procusto. O teu soffrimento eternisou-se e passaram-se os annos. Tiveste necessidade de substituir IN TOTUM as forças que se dissiparam n'essa emergencia deploravel, e então parodiando Francisco I, depois da batalha de Pavia, certamente disseste : — «Tudo é perdido... menos a intelligencia».

Emquanto corrias mundo, experimentando climas e consultando summidades medicas, não descuravas da intelligencia e ouvias distinctamente o bem pronunciado — TOLLE,

LEGE,—do hesitante Santo Agostinho.... E cumpriste á risca esse preceito profundamente sabio que em vez da fé, fôra ditado pela razão esclarecida.

Hoje, após dezoito annos de longa separação, vejo-te POETA á moda João Reboul,—o obscuro padeiro de Nimes ;—que inspirou-se e cantou como os mais celebres do seu tempo, concitado pelo soffrimento d'alma, que lhe deixára o espectro da Morte penetrando no seu lar. Não lamentas como elle—a ausencia de uma esposa e de uns queridos filhos ;—mas o imitas, quando soluças na lyra o inopinado desaparecimento de tantas Visões inesquecíveis que partiram como as ANDORINHAS :

« Serenamente, pela densa bruma ! »

Todo o livro tem um titulo e o teu chamastel-o DILUCULOS. Esplendido nome ! para quem observa a magnitude das Musas e tenta

cadencial-a, sem outra ambição que reproduzir  
fictilmente a imagem das vibrantes sensações que  
lhe perturbam o coração ou lhe embriagam  
o cerebro, certo de que a sua temeridade  
não o levará além das Columnas de Hercules.

E para quem repete com o nosso, mavioso  
Gonçalves de Magalhães :—

«Meus versos são os suspiros de minha alma,  
Sem outra lei que o interno sentimento»

lerá em cada pagina do seu livro um crepus-  
culo matutino, verá continuamente despontar  
o dia sem que seja effectivamente isso, porque  
existencias ha que nunca tiveram aurora e nem  
sabem definir o seu papel no seio da Creação.  
Compellidas pela inflexibilidade da Sorte, re-  
signam-se finalmente, transformam-se como a  
tua que inspirada pelo bom senso preferio as  
festas da Natureza ás indeterminaveis LAMEN-

TAÇÕES DE JEREMIAS — *verdadeiros epicedios que acabam enfastiando.*

Portanto, o titulo do teu livro tem razão de ser. Os teus graciosos chromos, enfeitados em sua maioria de attractivos e delicadas imagens, revelam que foram esboçados por um pincel de mestre e infallivelmente agradarão ao publico que delicia-se com a suavidade do plectro. Quanto á escola que adoptaste, isto é, a do LYRISMO, está de accordo com a tua inspiração, é o resultado de tua vida contemplativa, tú que figuras em tudo isso como um simples espectador e nunca um homem do palco. Outros, que não sejam eu, ou que te dediquem menos affecto, que melhor se expressem sobre as tuas rimas.

ZEFERINO FILHO.

DILUCULOS



*Aos seus bons e leaes amigos*

Antonio Tenorio de Cerqueira

•

Zeferino Candido Galvão Filho







## Mãe

### I



Minha Mãe ! Que nome santo,  
Melodioso e suave !...  
Parece a nota de um canto,  
Gorgeio terno de uma ave !

### II

Minha Mãe ! Que doce threno,  
Immaculado e divino,  
—Raio de luz tão sereno  
Que afaga o ser pequenino....

III

Minha Mãe, como eu te adoro,  
Nome de um ente querido ;  
Teu amor constante imploro,  
Acendrado, e meigo, e fido...

IV

Minha Mãe, ! Ai ! eu não vejo  
Como este nome outro, não !  
De um filho é o dulcido harpejo  
Das cordas do coração.



---

## Fatalidade

*A' Thomaz de Aquino.*



stava ainda na manhã da vida,  
E um futuro de encantos me sorria !..  
De sonhos tinha a mente enriquecida,  
No peito alegre o coração batia.

A abobada do ceu era tingida  
De oiro e de azul, as côres que entrevia  
Da existencia na quadra mais florida,  
Quadra de amores, risos e magia...


Tres lustros só, tres lustros eu contava ;  
— Tenra avesinha que no ceu voava,  
Ruflando as azas niveas como o arminho,

Quando bala certa, arremessada  
Pela sorte, prostrou a malfadada  
Que, a sorrir e a cantar, deixára o ninho.





## No jardim

 stava no jardim. Bella, colhia  
Vermelhas rosas das manhãs de Abril,  
Em anneis seus cabellos desprendia  
A doce viração primaveril.

Alva e bordada *matinée* vestia  
Que a tornava graciosa e mais gentil;  
Sob as rendas a forma eu sorprendia  
Do puro seio arfando tão subtil...

Rosas colhia, niveas e vermelhas,  
E em derredor voavam-lhe as abelhas  
Azas batendo, em alegria louca...

E o enxame voltivolo zumbia  
Para sugar a sávida ambrosia  
De sua casta e purpurina bocca !...





## Caridade

*Ao distincto amigo Manoel da Silva Almeida*

**P**obre velhinha que conta  
Seus setenta annos de idade,  
Pelas ruas da cidade  
Sai pedindo agora pão.

A todo aquelle que passa  
A pobre estende, — coitada !  
A sua mão descarnada.  
A magra e tremula mão.

E em voz dolente supplica :  
— Dai-me, por Deús ! uma esmola !  
Vasia trago a saccola,  
N'ella não ha que comer.



Si tremo, vêde, é de fome,  
De fome é este canção  
Que mais retarda-me o passo,  
Que augmenta mais meu soffrer.

Ai ! nem ao menos escuta  
Este povo indifferente  
A uma velha indigente  
Que a mão estende... que horror !  
Não tem coração no peito  
Toda essa gente que passa,  
Que a não commove a desgraça,  
Nem a miseria ou a dor.

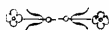
Dizia a triste velhinha,  
Desalentada, chorando,  
— Quem sabe ? — talvez pensando  
Na causa do seu soffrer :  
Si não morresse-lhe o filho,  
Esmola não pediria,  
Porque elle trabalharia  
Para dar-lhe o que comer,

Quando uma nobre Senhora,  
Que conduz loira creança,  
Bella como uma esperança,  
Vem perto della parar.  
Ao vel-a, a infeliz implora :  
— Dai-me, por Deus : uma esmola;  
Vasia tenho a saccola...  
« Perdoe ! não tenho o que dar ».

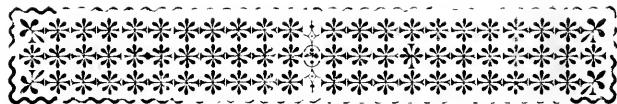
— «Dá-lhe, mamãe, a boneca.»  
Grita a creança bondosa,  
Accrescentando amorosa :  
— «A vovó pode a vender.»—  
E a mãe, risonha, abraçando-a,  
Diz commovida encantada :  
— « Minha filhinha adorada,  
Dou-lhe outra cousa, vaes ver. »—

E das orelhas os brincos,  
Do braço a rica pulseira  
Tira, alegre e prásenteira  
E pondo tudo no lenço,  
Entrega tudo a velhinha,  
Dizendo :— «Póde vendel-as,  
Que são de ouro e muito bellas...»—  
Que prazer, que gozo immenso !


E parte assim satisfeita  
Com seu anjinho, sorrindo,  
Que tornou-se ainda mais lindo  
Depois de tanta bondade ;  
Ao ceu rendendo mil graças  
Por ter desta arte aprendido  
Com aquelle anjo querido  
A praticar caridade.







## A noiva

obre-lhe um veu de gaze transparente  
A eburnea e casta fronte delicada,  
Em flor de laranjeira engrinaldada,  
Trescalando perfume rescendente.

Cores do pejo tocam levemente  
A nivea face, pura e assetinada,  
Rosa de neve em purpura tornada,  
Logo que o sol a beije ardentemente.

E a vista baixa, a noiva, e o seio arfando  
Parece que, acordada, está sonhando  
Castos anhelos, ternas phantasias...


Emquanto o noivo, pallido, a seu lado  
Antevê, com o olhar apaixonado,  
Loiro porvir de risos e alegrias !





## As andorinhas

*A Zeferino Filho.*

 hegára o inverno e já, de bando em bando,  
Foram-se todas, sem ficar nenhuma !  
Como era triste vel-as emigrando,  
Serenamente, pela densa bruma !

Quando partiram, azas tatalando,  
Com que saudades eu fiquei, em summa,  
De não ouvir, tão cêdo, chilreando,  
Da casa no beiral, nem sequer uma !...

Começa o estio e as leves andorinhas  
Cortando o espaço pelo azul em fóra  
Voltam, hymnos cantando alegresinhas.

Ah ! quem me dêra que voltasse agora  
O loiro bando festival das minhas  
Aureas chimeras que inda esta alma chora





## Moreninha

**O**nde foi, ó moreninha,  
Que assim encheste a cestinha  
De tão redolentes flores ?  
Foi no prado, ou na campina,  
Foi na selva, ou na collina,  
Ou foi no vergel de amores ?

— «Nem no prado ou na campina,  
Nem na selva ou na collina,  
Nem foi no vergel de amores ;  
Foi n'um logar onde ouvia  
Em doce enlevo a harmonia  
De eximios, lindos cantores. »



—Ah ! já sei / foi na floresta,  
Entre os rumores da festa  
Que lá fazem sempre as aves ;  
Ao verem que tão bonita  
Menina que amor incita  
Váe colher flores suaves.


Se me quizesse dizer  
Quando voltas a colher,  
Flores, ó flôr das creanças...  
Alegre agradeceria,  
Por que na floresta iria  
De rosas encher-te as tranças.





## A primavera

*Ao Dr. Cezario de Azevedo*

empre formosa foi a primavera,  
Porém agora vejo-a mais formosa,  
—Ceú de suave azul, manhã de rosa,  
E mais doirado sol, que não tivèra.

Opulenta roupagem, que-lhe déra  
Maio em flor... e tão rica e luminosa  
Que, por grinalda, traz a perfumosa  
Coroa feita de verbena e de hera.

Acclamada rainha pelosinhos  
Suspensos no arvorêdo dos caminhos,  
Cheia de encantos, plena de magias,

Ativa passa, e magestosa; e as aguas  
De alvos regatos, que diziam maguas  
Cantam-lhe agora lédas melodias.





## O ninho do gaturamo

*A Antonio Tenorio*

**T**icava bem na margem do caminho  
Do jasmineiro o curvo galho em flor,  
Onde tecera o leve e molle ninho  
O mavioso e alegre trovador,

Sedas e plumas alvas como linho,  
Urdira o affecto do gentil cantor.  
Dentro, os hymnos de amor e de carinho  
Meigo carinho que engrandece o amor.

Nasceu-lhe um filho.. No ar fremem gorgeios,  
Doces pipillos de alegria cheios,  
Gamma sonora em terna melodia.

Barbara mão, porem. de alva creança,  
Rouba-lhe o ninho e ao desespero o lança,  
Chorando o filho em cantos de agonia !





## Sol no campo

*A João Alves.*

O sol raios de oiro espalha  
Como um fidalgo vadio.

B. LOPES

**C**omo vem, depois da aurora,  
Do mar, o sol emergindo,  
Raios de oiro sacudindo  
Pelo verde campo em fora !

As aves surgem agora  
Cantando, e os ares scindindo,  
E a natureza sorrindo  
De rosas o prado enflora.

Ha uns rumores de festa,  
Pelas sombras da floresta,  
De harmonia doce e vaga....

Eil-o que todo apparece  
No horizonte, e sobe, e cresce,  
E a terra de luz alaga.





## A aurora

*A Laurindo Seabra*



horizonte clarea-se. Desata  
 Raios de luz intensa e viva, o dia.  
 Por sobre o manto escuro, que envolvia  
 O ceu, envolto agora n'um de prata,

No prado em flor, e no vergel, na matta,  
 As azas todas ruflam de alegria,  
 Acompanhando, em trinos de harmonia,  
 A musica da fonte e da cascata.



E' tudo festa. A natureza inteira  
Desperta sorridente, prasenteira,  
Entre os clarões e as purpuras da aurora,


Emquanto o sol, palhetas de ouro abrindo,  
Victorioso, das aguas emergindo,  
Rola, sangrento, pelo espaço em fóra.





## A gitaninha

*A Alfredo Fragoso*

 nome da ciganita,  
Era mesmo seductor !  
Chamavam-n'a Margarita...  
Tinha a graça de uma flôr.

De negros olhos... bonita !  
Nas faces a pura côr  
Dos jambos—a morenita  
Matava a todos de amor.

Quiz ver a sina, chamei-a  
E com prazer escutei-a  
Mostrando-lhe aberta a mão.

E a gitaninha me disse  
De amores tanta doidice,  
Que ri de satisfação.





## Na missa



Ósto de vel-a na missa  
Toda vestida de branco,  
E um sorriso alegre e franco  
Que deve agradar a Deus.

E assim vendo-a me convenço :

--A fé possui de uma crente

Fazendo, serenamente,  
Sua alma subir aos Ceus.

Só me parece uma santa  
De nuvens toda cercada,  
E a fronte pura inclinada  
Muito contricta, a resar.

Como ha de ser casta a prece  
Que dirige á Mãe Santissima,  
Aquella Virgem Purissima  
Que vejo alli, sobre o altar.

Senhora ! fazei que um dia  
Ardendo n'um só desejo,  
Ella, corada de pejo,  
Eu, fremente de paixão,  
Presas n'um só pensamento,  
Nossas almas confundidas,  
Até vós subam, unidas  
De amor na mesma oração !





## No Banho



om que graça tirou ella a camisa  
Vaporosa, qual nuvem sidéral.  
Que opulencia de formas se divisa  
Na nudez de seu corpo virginal.

Como cysne boiando, as aguas frisa  
Do lago na bacia de chrystal,  
E a trança que soltara á doce brisa,  
Serpeia sobre a espadua esculptural.

Douo a contemplo, ardendo em mil desejos  
De, n'uma explosão lubrica de beijos,  
Seu niveo corpo, em ancias, afagar.

Silencio... cil-a desnuda... abre-se a lympa,  
E soberana, e altiva, emerge a nympha,  
Como das aguas surge o nenuphar





## A pastora

*A Caetano Vieira*

**M**al vem o dia raiando  
Ouve-se já da pastora  
A voz alegre e sonora  
No canto que está soltando.

Pelo caminho pulando,  
Segue o seu rebanho agora ;  
Em pura luz vem a aurora,  
A terra toda inundando.



Ao prado chega. Amanhece.  
O alvo rebanho apascenta  
Na orvalhada e farta messe.

Sol nado. A pastora attenta,  
Move os labios n'uma prece  
A' natureza opulenta.





## Senhorita



nde vais, ó Senhorita ?

—Vou á Igreja, meu senhor.

—A' igreja, assim tão bonita,  
Cheia de graça e pudor ?

— E que tem ? Não é formosa  
A santa virgem do altar ?

—Muito ! mas tú, ó vaidosa,  
Vais ella mesma adorar ?

— Vou, sim, pois somente á ella  
E' que devo adoração.

— Isso que affirmas, ó bella,  
E' dito de coração ?

— Juro que fallo a verdade  
E nem jamais mentirei...

— Com franqueza, nessa idade,  
Não sentes do amor a lei ?

— Sim. Eu amo os pobresinhos,  
Os escolhidos de Deus...

— Quem me dá esses carinhos,  
Um carinho só, dos teus !

— Deseja-os ? faz muito empenho  
Em tel-os ? Medite bem !..


— Oh ! se o teu amor eu tenho,  
Sou feliz como ninguém !





## O sol

*A Albino Moreira*

 oberbo se ergue do dourado leito,  
Quando descerra as palpebras o dia,  
O astro-rei, que de arrogante aspeito  
Sae a passeio pela serraania.

Purpureo manto, que de luz è feito,  
Cai-lhe dos hombros ; e com fidalguia  
A cabelleira que desfaz com geito  
Enche-o de gemmas e de pediaria.


Cala-se o vento que gemia em choro ;  
Alegre se ouve o passaredo em coro,  
E as flores desabrocham em perfumes

Uma nuvem se esvai, outra se esgaça,  
E eil-o que surge, e magestoso passa,  
Lançando á terra os comburentes lumes.





## Onze annos

nze annos somente ! és bem creança,  
Botão mimoso de celeste flor ;  
Por isso, casta e lyrial me dizes  
Que inda não pôdes conhecer o amor.

Quando porem, o orvalho dos affectos  
A tua alma fizer desabrochar  
Nos puros éstos de ideaes enlevos,  
Darás ao poeta, o que ?...—Um doce olhar.

E se este olhar for labareda intensa  
E ateie o incendio enorme da paixão ;  
Se elle pedir-te a esmola de um carinho,  
Darás ao que te adora... — O coração !





## Teus olhos

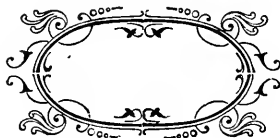
**U**ns olhos como esses teus,  
De uma doçura infinita,  
Ah ! não os tem, acredita,  
Os proprios anjos de Deus.

Meu olhar quando se fita  
No azul infindo e sem veus,  
Não acha luz mais bem dita  
Pelas planuras dos ceus.



Vê, quando em mim derramares  
Um dos teus meigos olhares,  
Que não me inundes de luz,

Pois sendo embora tão doce  
A minha alma incendiou-se  
N'esses teus olhos azues.





## As pombas

**I**llas partiram muito cedo, quando  
Da madrugada vinha a luz surgindo,  
—Sanguinea rosa que desabrochando  
Do ceu a face em chammass foi tingindo.

Azas... mais azas, n'um alegre bando  
O immenso espaço lepidas scindindo,  
Campos alem iam descortinando,  
—As niveas pombas dos pombaes fugindo.

E, como agora vai o sol morrendo,  
E as pardas nuvens sobem tristemente,  
Eu vejo-as virem ao pombaes volvendo...

E as lindas pombas de um alvor nitente  
Em revoada, as rémiges batendo,  
Turturinando vem saudosamente.





## Uns seios



regava um lindo alfinete  
Nas rendas de seu corpete  
Que entreaberto pude ver...  
Que perfume se evolava  
D'essas rendas que eu pregava,  
Com os dedos a tremer !...

Eu bem sei porque tremiam  
Meus dedos, que não queriam  
Nem de leve lhes tocar...  
Se de veras se assustassem  
E do corpete pulassem,  
Bem se podiam maguar.

Como estavam descuidados  
Sob as rendas debruçados  
Aquelles seios medrosos ?  
Não diria, quem a visse,  
Linda embora, os possuísse  
Tão bem feitos e mimosos.

Era mesmo um gosto vel-os :  
Niveos, pequenos e bellos,  
Como um casal de pombinhos.  
— Alvos bem como açucenas, —  
Ruflando as nítidas pennas  
Com os rosados biquinhos.

Mas que fiz ? onde é que estava,  
Quando essas rendas pregava  
No seu corpete gentil ?!  
Deixei perder-se o ensejo  
De possuil-os n'um beijo  
D'aquelles que valem mil.

Ah ! quem déra a feliz sorte  
De poder, antes da morte,  
Mais uma vez inda os ver !...  
Muito embora elles pulassem  
E medrosos se assustassem...  
Se isto chega a succeder !...

Que delicias não gosára  
N'aquelles seios de rara  
Belleza, quasi em nudez !  
Que doçura não teria  
Nos beijos que lhe daria,  
Se vel-os chego outra vez !







## Carta

**M**inha doce Maria, que saudade  
Eu sinto dentro d'alma por não ver-te !  
Acaso poderia eu esquecer-te  
Nesta, em que vivo, funda soledade ?...

Desde quando te vi, deves lembrar-te  
Como logo por ti fiquei perdido !  
Por ti, que és tão formosa, anjo querido,  
Que as más bellas não deixam de invejar-te...



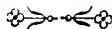
Sereno affecto e candida amizade  
Tu sentiste por mim, ao conhecer-te :  
Mas, tanto soube amar, soube querer-te,  
Que inundou-te do amor a claridade...

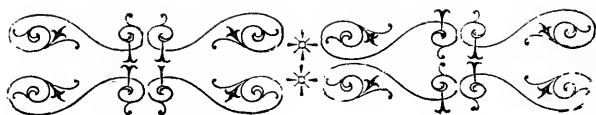
Jamais, por isto, cessa de adorar-te  
Meu nobre coração, leal e fido,  
Que nas fraguas da dor vê-se ferido,  
Por terem, d'elle, ousado separar-te.

Negro destino, estranha crueldade,  
Esta separação, devo dizer-te !  
Como já presentiam de perder-te  
Meus olhos, que choravam de saudade ? !...

Quero agora, escrevendo, recordar-te  
O que me prometteste, a sós, no ouvido :  
—O teu retrato de anjo estremecido,  
Que um mimo deve ser de esmero e de arte.

Oh ! manda-o, meu amor, se tens piedade  
De quem deseja, ao menos, assim, ver-te ;  
De quem nunca, por certo, ha de esquecer-te  
N'esta, em que vive, funda soledade...





## Veneza

*Ao Dr. Severiano Peixoto*

**D**as cidades rainha magestosa,  
E's tu, Veneza, altiva e sobranceira :  
O mundo inteiro acclama-te a primeira,  
De nobre fama e tradição gloriosa.

Do Adriatico emerges vaporosa,  
Qual ondina surgindo á clãra esteira  
Do mar, que cinge o corpo teu, vaidosa,  
E onde te miras, bella e feiticeira.

Cobre-te um ceu azul, palio estrellado  
De astros, que são as flammæ purpurinas  
A illuminar-te as prateadas aguas...

Gondolas passam... notas peregrinas,  
Nas harpas de ouro, à luz do luar nevado,  
Cantam poetas, gemedoras maguas...





## Rosas de Maio

*Ao primo e Amigo Dr. Manoel Cesario  
da S. Brasileiro*

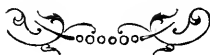


adidas rosas que engrinaldam Maio  
De petalas nitentes ou vermelhas,  
Fechai vossas corollas ás abelhas,  
Para abril-as do sol a um doce raio.

Aos beijos do astro, abertas quero vel-as,  
De neve ou rubras, no virente galho,  
Recamadas de perolas de orvalho,  
Pingos de luz cahidos das estrellas.

E se as abelhas forem maculal-as  
Com o pó de suas azas prateadas,  
Então ireis de amor embriagal-as.

E ardendo em ancias, da volupia aos lumes,  
Hão de morrer, por vós inebriadas  
Em doces vagas de lethaes perfumes !





## No Golgotha

**S**oluçando abraçada aos pés da cruz  
Por ver do Christo o enorme soffrimento,  
Magdalena ergue a vista ao firmamento,  
Onde cravada estava a de Jesus.

E exclama :—O' Deus ! com elle me conduz,  
Quando chegado for o seu momento,  
Pois seria o viver negro tormento,  
Sem ter dos olhos seus a doce luz !


Aos pés do lenho, a Mater Dolorosa  
Alma ferida, triste e lacrimosa,  
A mesma dôr do filho padecia. . .

Subito, finda o tetrico supplicio  
De um Deus que, se entregando ao sacrificio,  
A Humanidade inteira redemia.





## Retorno

 hegou : e emfim chegou tambem com ella  
Quem havia meu corpo abandonado :  
A minha alma que a tinha acompanhado  
Para nunca deixar de ouvil-a e vel-a.

E mais formosa veio a meiga estrella,  
Que brilha em ceu de amor opalinado,  
Rindo, veio tambem minh'alma, ao lado  
De sua doce luz radiosa, e bella !



E o coração que o corpo me alentava,  
Na ausencia deste affecto que o deixava,  
Revendo-o assim, uma outra vida sente.

Palpita e freme e estúa e vive agora,  
Pedindo à estrella que se faça aurora  
A illuminar-lhe o amor eternamente !





## O Ferreiro

*Ao Dr. Luiz Affonso d'Oliveira Jardim*

**Q**uando o ferreiro em virginal floresta  
O malho bate de seu forte grito,  
A passarada se alvoroça em festa,  
E corta o azul intermino, infinito.

E a selva toda que em florões se enfeita  
De suave aroma, tepido, exquisito,  
Nuvem desprende vaporosa e lesta,  
Como o incenso do altar de estranho rito...

Mais o Ferreiro, esse cantor da matta,  
Notas de bronze aretinir desata  
Nos ingazeiros rebentando em flôr ;

E mais alegre canta a passarada,  
As azas tatalando, em revoada,  
No immenso espaço de azulada côr.





## Em pranto

*A Zeferino Candido Galvão Filho, pela  
morte de seu estremecido pae.*

...mundo sombrio  
Quem tão sombrio te fez ?

ZEFERINO FILHO. (Dos *Epicombos*)

**E**u venho chorar contigo  
A perda de teu bom pae,  
D'aquelle sincero amigo  
Que da lembrança não sae...  
Vivia a vida dos justos,  
Que mal fazia viver ?  
- Fundos mysterios augustos  
Vedados ao conhecer !...

Mas a morte inexoravel,  
Que não respeita a amizade,  
Levou-o, fêra, implacavel,  
Nos mergulhando em saudade.  
Sua alma pura e serena  
Foi para o ceu habitar,  
Immerso deixando em pena  
Quem contigo vem chorar!





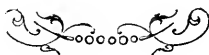
Foge !

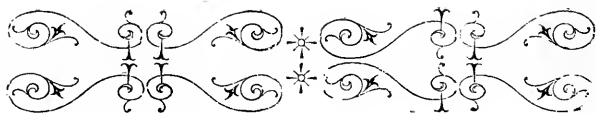
**F**lor innocente dos jardins do Empyreo,  
Porque na terra vens desabrochar ?  
Não vês que as tuas petalas, ó lyrio,  
Pode o paul de lodo vil manchar ?

Queime-te, embora, a febre do delirio,  
Sintas o peito em ancias estuar,  
As almas puras tem o seu martyrio  
Se o vicio, acaso, as tenta macular.

Foge, portanto, das doiradas salas ;  
N'ellas se escutam mentirosas falas,  
E a corrupção de labio a labio sòa...

Aos olhos teus apaga a viva flamma,  
Que assim evitas salpicar de lama  
A tua bella e virginal coròã.





# Jesus

*Ao Sr. conego João Marques de Souza*

**D**oce Jesus, Cordeiro immaculado  
Das entranhas bemditas de Maria,  
Porque te move guerra, noite e dia,  
A sciencia moderna em tom irado ?

Não basta já na cruz martyrisado  
Ser pela multidão, que em ti não cria,  
E que, entretanto, ouvio-te na agonia :  
—Não sabe elle o que faz, ó Pae Amado !



Perdoa assim também esta sciencia  
Que busca te negar em sua essencia,  
Negando a luz serena da verdade...

Perdôa-os, ó Senhor, e d'essa altura,  
Dos olhos teus replectos de doçura  
Derrama a luz da eterna claridade.





## Primavera em flor

*No anniversario natalicio  
de minha querida irmã  
Elvira.*

**M**ais uma flor mimosa e redolente  
Abre hoje no jardim de tua vida,  
—Junquillo que desbrocha sorridente,  
Tornando-te mais bella e mais querida.

Que alvorada de luz resplandecente,  
Que luz de aurora tão enrubescida,  
E' esta que illumina alegremente  
A tua primavera refflorida !...

Ledos se mostram, hoje, os passarinhos,  
Nos baldados em flôr, pelos caminhos,  
No teu anniversario, ó minha Elvira !

Por isso, eu venho, festejar agora  
Da tua vida a immaculada aurora,  
—Hymno de amor, que amor fraterno inspira.





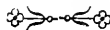
## Tua mão

**T**yrio na côr delicada  
É tua pequena mão,  
Parece um mimo de fada  
No primor, na perfeição.

A petala perfumada  
Da rosa ainda em botão  
Inveja-lhe a tez nevada,  
O requinte e a correcção.

A soberana belleza  
De rainha ou de princeza  
Que entre purpuras assoma,

Não tem como tu, senhora,  
Mão que ordena, quando implora,  
E minha alma curva e doma !





## Elvira

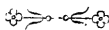
**V**em ver, ó minha irmanzinha,  
Como ao cahir da tardinha  
E' bello o nosso sertão ;  
Vem escutar o queixume  
Da brisa,—haurir o perfume  
Que exhala a flôr em botão.

Vem ver como os colibris  
Saltitam, leves, subtis,  
Sobre a relva da collina ;  
Ouvir o triste balido  
Do cordeirinho perdido  
Na verdejante campina.

Ver as leves borboletas  
Osculando as violetas  
Que rebentam pelo prado ;  
Vem ouvir do pegureiro  
O descante prasenteiro  
Que solta levando o gado.

Do cimo da cordilheira  
Ver ali na cachoeira,  
Banhando-se os patoris ;  
Vem ouvir as amorosas  
Doces queixas que saudosas,  
Modulam as juritys.

Vem ver, gentil creatura,  
Como a côr do ceu é pura  
N'essas tardes de verão ;  
Vem ouvir o teu poeta,  
O' querida irmã dilecta,  
Elvira do coração.





## Canta

**C**anta, mulher, e no cantar desata  
Da garganta suave melodia,  
Que nossa alma transporte de alegria,  
—Alegria que é sonho, e as dores mata...

Trillo, gorgueio, tremula volata,  
Scisma de amor, que amor tanto inebria,  
Extase puro, em vagas de harmonia,  
Que ás delicias do ceu nos arreбата !



Na doçura, mulher, dos teus harpejos  
Ha tanto mel, como só têm os beijos  
Dos labios teus abertos n'um sorriso.


Canta ! ás espheras rutilas e calmas  
Sobem os corações, sobem as almas,  
Sonhando entrar do amor no paraíso !





## A rosa

*A Alfredo S. Maia*

 Izira plantado havia  
N'um jarro linda roseira,  
Dizendo que a flôr primeira,  
De seu amado seria.

Elle ostentar pretendia  
Do frak na botoeira  
A flôr que a bella e faceira  
Creança lhe promettia.

Mas, qual não foi seu espanto,  
Quando ella cheia de encanto,  
Sorrindo como uma louca,

Disse-lhe uma dia ao ouvido :  
—Se a rosa almejas, querido  
Vem colhel-a em minha bocca...





# Tremendo

*A Francisco Alexandrino*

**P**ra a primeira vez que elle ficava  
A sós, com a meiga e timida Dolores ;  
**E**lla, de Dante as rimas soletrava  
Tendo nos olhos rutilos fulgores.

O professor solícito mostrava  
Os segredos do verso e os seus primores ;  
O olhar do moço amores confessava,  
E ella entendia o poema... dos amores.


Ambos relendo a pagina dantesca,  
Ruborisam-se, ao ver o ardor extremo  
De Paulo, em ancias, a beijar Francesca.

E obedecendo ao mesmo extranho impulso,  
Elle, escravo do amôr,—goso supremo !  
Beija-a tambem, precipite, convulso...





## Barcarola

em ! a gondola, formosa,  
Já vai as ondas singrar,  
— Gaivota de azas espalmas,  
Cortando as planuras calmas  
Do calmo e profundo mar.

Ligeira, mimosa e leve  
Deslisa nas aguas, breve,  
— Cysne as ondas a scindir :  
E' timoneiro o poeta,  
Cantando a magua secreta  
De algum secreto pungir.

Vem ! a gondola já corta  
As mansas vagas do mar.  
Com teu amante, Senhora,  
Vamos em busca da aurora  
Para o amor illuminar...

Has de querer, com certeza:  
Ir a Itália, ir á Veneza,  
Ver a terra dos canaes ;  
Para ouvir dos gondoleiros,  
Ao som dos remos ligeiros,  
Barcarolas ideaes...

Senhora, a gondola singra  
As verdes aguas do mar...  
Vamos, na terra de amores,  
Fazer um ninho de flores,  
Em que possamos amar...

—Patria d'Arte ! ó mago sonho,  
Serenó, doce e risonho,  
Que nos embala a nós dois !..  
E o poeta empunha a lyra  
Vibra um canto que suspira  
E geme... e anseia... e depois....

Vai a gondola formosa  
Ondas mansas a singrar :  
—Gaivota de azas espalmas  
Cortando as planura calmas  
Do calmo e profundo mar !



## Natal .

*Ao meu illustre padrinho padre Luiz  
Ignacio de Moura*

**N**'uma pobre estribaria  
Humildemente nasceu  
Jesus, filho de Maria  
Como se fôra um plebeu.

Deste modo a luz do dia,  
Que elle visse quiz o ceu  
Que mais bella apparecia,  
Quando hozannas mil ergueu.



Teve um berço— a mangedoura,  
Onde a Virgem Mãe Senhora  
O viu sorrir de contente.

E onde os Magos da Chaldéa  
Ao grande Rei da Judéa  
Guiou estrella fulgente.





## A tarde

*A Severino Marques*

**G**osto da tarde, quando o sol desmaia  
Em seu purpureo leito, somnolento,  
E no sereno azul do firmamento  
Boiam nuvens de rosa e de cambraia

Ouvir a passarada alem, que ensaia  
Uns preludios de queixa e de lamento,  
Misturando-se á musica do vento  
Triste a gemer nos coqueirões da praia.

Hora de paz e de serenidade,  
Quando mais punge o espinho da saudade  
Do tempo que passou, terna lembrança...

Hora na qual, ó Mãe, tu me ensinavas  
As santas orações com que formavas  
O coração de um homem na creança !





## O pé de Iza

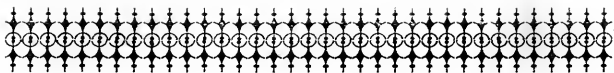
**Q**ue pé, meu Deus, deste a Iza !  
Parece um flócco de neve.  
Mimoso... não se descreve,  
Nem a mente o idealisa.

Tão gracioso que pisa  
Como um pombinho, de leve !  
Ligeiro, subtil e breve,  
Serenamente deslisa,...

Quem o vê assim traquinas  
A correr entre as boninas  
E entre os lyrios do jardim,

Desejaria apanhal-o  
E no peito collocal-o,  
Como se fôra um jasmin.






## Dormeuse

*(Sobre um quadro de Henner)*

A JOÃO PAES.

 dormecida assim, como eu a vejo,  
Toda nua, em tão languido abandono,  
Parece um casto lyrio que, no outomno  
A brisa adormeceu, dando-lhe um beijo.

E sem as faces lhe corar o pejo,  
Mostra seu corpo no innocente somno,  
Corpo que um rei a purpura e o throno  
Dera, por elle, em febre de desejo...

Sonha talvez n'um candido sorriso  
O labio move ; a cabelleira sôlta  
Ondeia e freme e como que palpita.

—Venus que sai do mar, n'um dôce friso  
De espuma... e em torno a multidão revôlta,  
Dos gosos todos que a volupia incita !





## Bella

*A Manoel Tavares*

**E**'loira como uma espiga  
Das mais loiras de um trigal ;  
Como um anjo, a rapariga  
Nos deslumbra, é divinal.

Quem seu corpo vir, que o diga :  
—E' tão bello e esculptural  
Que nenhuma estatua antiga  
Ou moderna, teve igual.



Venus, talvez, se existisse  
E tão linda assim a visse  
A belleza lhe invejasse !

Mais do que a deusa é formosa :  
—Pois nasceu de alguma rosa  
Que uma estrella enamorasse...





## Passeio matinal

**V**amos cantando assim, de braço dado,  
Como cantando estão os passarinhos  
Que as azas ruflam sobre os molles ninhos  
Ou pelo espaço, á luz do sol doirado.

Amantes ambos, cherubim amado,  
E sempre um do outro, em fervidos carinhos,  
—Enchendo o azul de dôces murmurinhos,  
Beijos trocando até chegar ao prado.

De castos lyrios tentarei fazer-te  
Bella grinalda para enaltecer-te  
A nobre fronte virginal, mimosa.

Depois, um beijo... e um outro... e mais, querida!  
Quero na tua bocca enrubescida  
Sorver do amor a essencia mysteriosa.





## A idade de Dulce

*A José H. Amaral*

**D**ulce disse hontem que tinha  
Dezoito annos tão somente,  
Quando sabe tanta gente  
Que ella é muito mais velhinha !

A filha aqui da visinha,  
Sua amiga e confidente,  
*Sem malicia*, ingenuamente,  
De bater gosta a linguinha.

— E provar quero o que digo  
Deu-se o caso, hontem commigo.... —  
Dona Annita assim fallou.

Conta Dulce mais um anno :  
Sem que possa haver engano  
Vinte e cinco hoje inteirou.





## O Samba

*A Alfredo Santos*

**S**e o *cabra* é mesmo pachola,  
De fita enfeitada a viola  
Que sabe repinicar,  
Para as matutas morenas  
Na dança entrarem serenas,  
Sem fazerem-se rogar.

E logo o samba começa,  
Sem receio que arrefeça,  
De tanta satisfação...  
Não ha visos de desgosto,  
So alegria no rosto  
De todos que ali estão.

Graciosa puxa a fieira  
Gentil morena faceira  
Dôce toada a cantar.  
Dos dedos faz castanhola,  
Em desafio á viola  
Que geme, quasi a chorar...

—«Sou sertaneja orgulhosa,  
Linda, meu Deus ! e vaidosa  
E sambista, já se vê !  
Nenhum matuto brejeiro  
Commigo rufa o pandeiro,  
Nem bate commigo o pé.»—

Ao que respondem :—Morena,  
Tão leve como uma penna,  
Ligeira, qual jurity,  
Teus olhos são meus peccados,  
Tão languidos e quebrados,  
Olhos assim nunca vi !»—

E mais na viola agora  
Parece que o cabra chora  
E vai de gosto morrer,  
Enquanto a barra quebrando,  
De luz um banho vem dando  
Sobre a terra ao manhecer.





## A Sertaneja

*A José Cupertino*

**A**ssim que disponenta a aurora,  
Da cama salta ligeira  
A sertaneja faceira  
Que o ar da manhã vigora.

A cuja quer, sem demora,  
Que ha de estar na cantareira,  
Ou no moirão da porteira  
Onde a deixou. E sae fora.



E pensando o nédio gado,  
Vai do curral ao cercado,  
N'um constante labutar ;

Em quanto o guapo marido  
Sella o ginête luzido  
E n'elle vai campear.





## Ausencià

**C**omo é saudoso o instante da partida  
De quem, abandonando a terra anada,  
Deixa ficar a amante idolatrada,  
Olhos em pranto, triste despedida !

Hora de angustia e dôr indefinida  
De uma alma que soluça de magoada,  
Ao ver outra de lagrimas banhada,  
—Pena de amor estranha e dolorida !

Aza que o vento do destino solta  
No espaço, e ao menos, se algum dia volta  
Não diz, que a sorte penetrar não ha-de !...

Partir... na curva do caminho ainda  
O extremo adeus... um lenço no ar... infinda  
Magua... e depois o espinho da saudade !





## Alenta-me

(ao amigo José d'Alemquer Simões do Amaral)

Inspira immortal canto e voz divina  
n'este peito mortal, que tanto te ama.

CAMÕES—*Lusiadas*.

**H**a muito que minha musa  
esquiva se mostra assaz,  
rebelde, si lhe supplico  
o perfume de um lizar.

Seja Clio, seja Eráto  
teu nome, musa, conversa  
commigo que n'esse olvido  
minha pena tenho immersa,

Si estes versos te agradarem,  
singelos como elles são,  
dá-lhes um premio de luz,  
o premio da redempção.

Bem sabes que em meu retiro,  
n'esse descuido profundo,  
não tenho quasi encontrado  
sensação, prazer jucundo...

Por isto, como a visão  
que se abandona n'um ermo.  
si o pranto molhar-me a face,  
sincera corre a beber-m'ô.

Eu creio em ti, porque foste  
a sombra de quanto amei  
de sorte que não te troco  
pela corôa de um rei.

Aienta-me, musa, um pouco  
desdobra tua mantilha,  
abre teus labios que animam,  
esparge-me de baunilha.

Pesqueira, 15 de Agosto de 1887.

ZEFERINO C. GALVÃO FILHO.



## ERRATA

No soneto — *As pombas*, no primeiro terceto em vez de *ao pombaes*, leia-se *aos pombaes*.

---

Em consequencia da pressa com que se fez a revisão d'estes *Versos*, tambem sahiram alguns erros de orthographia, que facilmente o leitor corregirá.



# INDICE

	Pags.
Carta ao autor. . . . .	
Mãe . . . . .	21
Fatalidade . . . . .	23
No jardim . . . . .	25
Caridade. . . . .	27
A noiva . . . . .	31
As andorinhas. . . . .	33
Moreninha . . . . .	35
A primavera . . . . .	37
O ninho do gaturamo . . . . .	39
Sol no campo. . . . .	41
A aurora. . . . .	43
A gitaninha. . . . .	45
Na missa. . . . .	47
No banho . . . . .	49
A pastora . . . . .	51
Senhorita . . . . .	53
O sol . . . . .	55
Onze annos. . . . .	57
Teus olhos . . . . .	59
As pombas . . . . .	61
Uns seios . . . . .	63



Carta . . . . .	67
Veneza . . . . .	69
Rosas de Maio.	71
No Golgotha . . . . .	73
Retorno . . . . .	75
O Ferreiro . . . . .	77
Em pranto . . . . .	79
Foge . . . . .	81
Jesus. . . . .	83
Primavera em flôr.	85
Tua mão. . . . .	87
Elvira. . . . .	89
Canta. . . . .	91
A rosa . . . . .	93
Tremendo . . . . .	95
Barcarola. . . . .	97
Natal. . . . .	99
A tarde . . . . .	101
O pé de Iza . . . . .	103
Dormeuse . . . . .	105
Bella . . . . .	107
Passeio matinal . . . . .	109
A idade de Dulce . . . . .	111
O samba . . . . .	113
A sertaneja. . . . .	115
Auzencia. . . . .	117
Alenta-me . . . . .	119

BIBLIOTECA CRIOLLA  
SCHULLER

José do Amaral

207

BIBLIOTECA  
BIBLIOTECA CRIOLLA  
SCHULLER

PERNAMBUCO

Typ. Gondella Cockles & Co

1899

207